

Entrevista com Mário de Carvalho¹

Rosana Baptista dos Santos
Instituto Superior Anísio Teixeira

Rosana Santos: Como você definiria sua relação com os estudos clássicos e medievais? Um *corpus* que precisa ser revisto, criticado, exorcizado, matéria de criação, uma paixão, um peso para se livrar?

Mário de Carvalho: No tempo em que eu entrei para a Faculdade de Direito de Lisboa, eram obrigatórios dois anos de latim, depois de uma disciplina de português, no Liceu em que haviam sido transmitidas umas noções rudimentares de etimologia. Nas cadeiras de Direito Romano e Direito Português as referências e citações latinas eram constantes. Os ouvidos estavam afeiçoados a uma construção e a um ritmo, bem como ao espírito de síntese do brocardo lapidar. Certo que era o latim de jurista, não o latim restaurado da Faculdade de Letras, por alguns chamado “quiquerístico”, mas ainda assim, transportava consigo uma tradição. Essa é uma reminiscência que, em mim, perdura até hoje.

¹ Essa entrevista nos foi concedida em 15 de junho de 2008, no escritório do autor, no centro de Lisboa, como parte de uma pesquisa realizada com uma Bolsa de Doutorado Sanduíche concedida pela CAPES, na Universidade de Coimbra, no Instituto de Estudos Clássicos.

Rosana Santos: Você se impressiona com alguma obra antiga em particular?

Mário de Carvalho: Só conheço a *Odisseia* de traduções. Reli, recentemente, a magnífica tradução de Frederico Lourenço, que foi uma assinalável contribuição para a nossa formação cultural. Circunstâncias várias e alguma curiosidade têm-me levado a passar por versões de Ésquilo, Sófocles, Platão, Aristóteles, Horácio, Apuleio, Suetónio, Tácito e outros.

Rosana Santos: Há algum filósofo em particular por quem você tenha um respeito/gosto particular? Há alguma influência filosófica especial em sua obra?

Mário de Carvalho: As falas de Marco Aurélio, em *Um Deus Passeando ...* são praticamente todas dos *Pensamentos para Mim Próprio*, de acordo com a edição portuguesa, da Editorial Estampa. Também num outro livro, duma outra natureza, *Fantasia para Dois Coronéis e uma Piscina* as opiniões que um dos coronéis expende sobre literatura reproduzem, em linguagem corrente e popular, a enumeração das partes da tragédia segundo a *Poética* de Aristóteles. Aí tem dois enigmas.

Rosana Santos: Sua obra, como *Era bom que trocássemos umas idéias sobre o assunto* e *Fantasia para dois coronéis e uma piscina*, é repleta de considerações metaficcionais. O que seria paródia, utopia e fantasia para você?

Mário de Carvalho: Paródia pode ser um refazer do mito ou uma ridicularização da *gravitas*. Utopia é um neologismo de Tomas Morus, excelente embalo de sonhos no terreno do imaginário, indutor de desilusões ou de pesadelos quando se tenta aplicá-la na prática. É o tal pensamento que “vai sobre asas douradas”, como no célebre coro de Verdi. Fantasia é a diferença entre o “eu” e o “mais do que eu” de Fernando Pessoa.

Rosana Santos: Em um país marcado pela herança clássica como o seu, como você vê isso no Portugal de hoje?

Mário de Carvalho: A herança clássica, se é que alguma vez a houve, está a ser ferozmente delapidada. Nos governos têm sido instalados essencialmente políticos da direita e do centro, em grande parte obedientes à veniaga e à chatinagem de vorazes interesses. Esta gente quer lá saber do latim! Se render, vendem. Se não, deixam estiolar. E é o que está a acontecer.

Rosana Santos: Em relação aos nomes de suas personagens, pode-se dizer que eles têm um carácter “falante”? Marco, por exemplo, é um dos nomes de Plauto; isso é uma pista dos muitos enigmas que *Os Quatrocentos mil sestércios* oferece?

Mário de Carvalho: Os nomes não procuram ser enigmáticos, mas verossímeis. Acho que, em rigor, se poderiam pôr algumas objecções à minha onomástica, mesmo atendendo a que estamos num território provincial distante de Roma. Mas também, quem quiser aprofundar mais reparará que o nome do governador da Lusitânia, Sexto Tigídio Perene, corresponde (com algum anacronismo) ao último governador conhecido ao tempo da publicação do livro. A Sétima Legião Gemina, se bem recorde, esteve acantonada perto do Nordeste da actual Fronteira Portuguesa, em Léon (*Legionem*), mas no tempo de Augusto. O legado Caio Válio Maximiano varreu, de facto os mouros para o Norte de África no tempo de Marco Aurélio e essa invasão moura foi muito séria. O nome Escauro era, de facto, de uma família ilustre de Roma (Scaurus, se não erro), os Cantaber, ao que parece, eram uma família distinta da Península, com uma casa em Conímbriga, que tem o seu nome. Se folhearmos *Um Deus Passeando...*, encontraremos – e eu nisso fui o mais cauteloso possível – sustentação para a maioria das situações, personagens, acontecimentos e circunstâncias. Se me desse para escrever uma bibliografia (parece que agora está na

moda no romance histórico ligeiro escrito por donas-de-casa, jornalistas e cozinheiros) ela seria de certa extensão e variedade. Marco é um nome banal. Os romanos, aliás, não tinham grande imaginação para nomes. Não sei se há outro povo que tenha numerado os filhos, como eles faziam: Primus, Secundus, Tertius, Quartus, Quintus, Sextus, Septimus, Octavus (Octávio), Nonus (nunca encontrei...), Decimus...

Rosana Santos: Que livro seu você recomendaria para introduzir sua literatura no curso de Letras? Por quê?

Mário de Carvalho: Talvez a *Fantasia para Dois Coronéis e uma Piscina*, porque esse romance (eu chamei-lhe “cronovelema”) lida, parodiando, com a narrativa e as suas categorias, com a prosa portuguesa, os seus ritmos e as suas espessuras, com camadas de águas geladas ou mornas, ensolaradas ou sombrias, no que procurou ser um desconcertante festival de ilusionismo.

Rosana Santos: O seu sucesso é incontestável, mas você é erudito, sofisticado, com requintes de uso de uma literatura há muito esquecida. A que você atribui seu sucesso, ao fato de contestar os paradigmas? Há um diálogo mais sutil? É possível aliar sofisticação, erudição e popularidade?

Mário de Carvalho: Isto do “sucesso” é coisa muito relativa. A arte não serve para outra coisa senão para contestar paradigmas. Ainda que se não queira. Não sou um grande praticante, mas tenho muito apreço pela cultura “popular” que distingo da cultura “de massas”. A *Odisseia* era cultura popular. Um combate de gladiador, cultura de massas. A Ópera de Verdi era cultura popular. O senhor António Carreira é cultura de massas. Os filmes de Dino Risi são cultura popular. O lixo televisivo é cultura de massas. O *D. Quixote* é cultura popular. O senhor Paulo Coelho parece-me ser cultura de massas.

Rosana Santos: O quê da literatura brasileira te atrai?

Mário de Carvalho: A literatura brasileira é uma das grandes literaturas do mundo. É urgente recuperar do esquecimento o grande Jorge Amado e voltar de vez em quando ao enorme Guimarães Rosa.

Rosana Santos: A junção de dois contos *Quatrocentos mil sestércios* e *Conde Jano* em uma única edição tem uma motivação estética?

Mário de Carvalho: A junção dos dois contos (ou novelas?) resulta no efeito de unir os opostos: riso e tristeza, os tons alegres e os escuros, o tom ligeiro e a prosa mais arcaizante, a Idade Média e a romanidade.

Rosana Santos: O que pensa sobre o rótulo de pós-moderno que por vezes lhe é imposto?

Mário de Carvalho: Vale o que valem as etiquetas e os carimbos. Servem para comodidade de conversação e de exposição. Se nos entendermos sobre o que é a modernidade (*O Livro Grande de Tebas* ainda estaria nesse âmbito) todos os outros livros se situam depois de um corte anunciado com *Contos da Sétima Esfera* (o primeiro livro a ser publicado, mas segundo a ser escrito).

Rosana Santos: O tema da ‘viagem’ é muito comum na literatura ocidental. Saramago, por exemplo, em *O ano da morte de Ricardo Reis*, inverte um verso de *Os Lusíadas* para afirmar, através do narrador, que “aqui o mar acaba e a terra principia”. Como pensa a questão da ‘viagem’ na literatura?

Mário de Carvalho: A viagem (muitas vezes acompanhada pela demanda) é uma das estruturas narrativas mais antigas que se conhece, desde a epopéia de *Gilgamesh*, passando pela *Odisseia*, pelos argonautas, pela *Demanda do Santo Graal*, o *D. Quixote*, etc.

O antropólogo americano Joseph Campbell deu conta disso (a jornada do herói) em *The Hero with a Thousand Faces*.

Rosana Santos: Dos antigos, quem você quer ler mais atentamente?

Mário de Carvalho: Talvez me interessasse ler um pouco mais (mas soltamente, livremente, *adlib...*) sobre a novela grega e latina.

Rosana Santos: Há na sua obra influência de Poe, de Plauto, de Apuleio, de Luciano?

Mário de Carvalho: De Poe, talvez nos *Contos da Sétima Esfera*. Há reminiscências também da *História Trágica Marítima*, de Conrad e de Borges. Quanto aos outros mencionados, fragmentariamente, aqui e além.

Rosana Santos: Há um uso recorrente de provérbios na sua obra. Por quê?

Mário de Carvalho: Eu não uso o português básico elementar. Os provérbios fazem parte da versão culta da língua. Os romanos, aliás, tinham uma “feira de anexins” muito completa.

Rosana Santos: O que é mais desprezível na literatura atual?

Mário de Carvalho: O que é desprezível na literatura de sempre: a ignorância e a alarvidade.

Rosana Santos: Recuperar o passado é novo? De que maneira?

Mário de Carvalho: O gosto de recuperar o passado recomeça, em força, naquela época difusa e incerta que costuma designar-se por Renascimento. Há umas poucas centenas de anos. É recente, portanto.